



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**CARTOGRAFANDO AS ROTINAS DE CRIANÇAS PEQUENAS: UM ESTUDO
NA ESCOLA PROFESSORA MILTOLINA DA SILVA (SME/RJ)**

ANDREIA MALTA DOS SANTOS

RIO DE JANEIRO

2014

CARTOGRAFANDO AS ROTINAS DE CRIANÇAS PEQUENAS: UM ESTUDO NA
ESCOLA PROFESSORA MILTOLINA DA SILVA (SME/RJ)

ANDREIA MALTA DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de
Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2014

CARTOGRAFANDO AS ROTINAS DE CRIANÇAS PEQUENAS: UM ESTUDO NA
ESCOLA PROFESSORA MILTOLINA DA SILVA (SME/RJ)

ANDREIA MALTA DOS SANTOS

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Adrienne Ogêda Guedes

Escola de Educação – Departamento de Didática
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*“Minha aluna me disse certa manhã
de verão no EDI Miltolina da Silva:
Tia Andreia a formiguinha tá
dormindo... mas eu olhei com olhar
de adulto e vi que a formiguinha já
tinha morrido.”*

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Maria da Conceição. Com carinho cuidou da minha filha para eu estar todas as noites na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), da mesma forma à minha tia Ana que também fazem parte dessa trajetória. À minha filha e minha irmã que me deram coragem para seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador Marcio da Costa Berbat pela dedicação aos meus delírios pedagógicos e toda insanidade da prática cotidiana com meus pequenos. Agradeço por acreditar nas minhas fantasias.

Ao meu pai que quando eu tinha apenas oito anos, em frente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) disse para mim que um dia eu seria uma universitária de um ensino público e de qualidade. (eu consegui!)

A minha mãe, com o carinho me gerou. Foi ferramenta nas mãos de Deus para que ele hoje cumprisse seus desígnios.

À Minha Diretora Raquel Rodrigues que desde minha entrada na rede acreditou no meu trabalho e confiou a mim o direito de estar nas aulas na Urca (RJ) para hoje desfrutar da incrível experiência de cursar Licenciatura em Pedagogia na UNIRIO.

À minha irmã Andressa que ficava com minha filha nas noites frias e solitárias me esperando retornar para casa de tão longe...

Ao meu ex-marido que, certamente foi um estímulo para que eu conseguisse chegar ao fim da graduação e obter o enquadramento por formação.

A minha amiga Maria Zélia, não deixando que desistisse do curso, mesmo diante da minha lamuria de cansaço e desgaste financeiro.

As minhas amigas Simone Brasileiro, Vera Lucia, Rafaela Cavalcanti, Sueni e outras que marcaram minha trajetória na UNIRIO.

À professora Vera Loureiro pelas ótimas falas sobre a infância em Pensamento e Linguagem.

Ao EDI Professora Miltolina da Silva que me proporciona o desafio de crescer profissionalmente todas as manhãs.

Aos meus pequenos alunos que diante de tanta limitação me abraçavam e não me deixava desistir de estar ali nem por um dia.

À Minha Coordenadora Pedagógica Renata Guimarães pela incrível habilidade de ouvir pessoas e acolher seus questionamentos e idéias.

Ao meu sogro Gilson Fernandes grande incentivador de todos os meus projetos.

À professora Adrienne Ogêda Guedes, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Agradeço a DEUS pela saúde, pelos livramentos, por me livrar de tantos males durante mais de quatro anos estudando tão longe de casa.

ANDREIA MALTA DOS SANTOS. **CARTOGRAFANDO AS ROTINAS DE CRIANÇAS PEQUENAS: UM ESTUDO NA ESCOLA PROFESSORA MILTOLINA DA SILVA (SME/RJ)**. Brasil, 2014, 58 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

As rotinas são produtos culturais, reproduzida no dia a dia para organizar o cotidiano. Ela, num espaço de educação infantil, resume o projeto político pedagógico e as concepções, assim como a proposta da ação educativa desse espaço. Tendo a rotina como dispositivo espaço-temporais, este trabalho tem como objetivo trazer a experiência num EDI (Espaço de Desenvolvimento Infantil) da secretaria de educação da prefeitura do Rio de Janeiro, como exemplo de rotina e de alguma forma as “deficiências” de um espaço fisicamente limitado pela reelaboração de um projeto de educação infantil, nesse mesmo espaço com uma proposta assistencialista pensado numa estrutura de rotina assistencial e não educativa. Nesse sentido é necessário repensar essa rotina, principalmente pelos professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, reelaborando as práticas pedagógicas de forma que os sujeitos envolvidos na sua execução participem para que as categorias de tempo e espaço sejam facilitadores no cotidiano com as crianças pequenas.

Palavras-chave: rotina; educação infantil; tempo; espaço.

INDICE DE SIGLAS

EDI – Espaço de Desenvolvimento Infantil

IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

PEE – Programa Especial de Educação

PEI – Professor de Educação Infantil

PPP – Projeto Político Pedagógico

PPA- Projeto Político Anual

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ÍNDICE DE FOTOS

Foto 01	21
Foto 02	29
Foto 03	32
Foto 04	35
Foto 05	43
Foto 06	43
Foto 07	44
Foto 08	44
Foto 09	45
Foto 10	45
Foto 11	46
Foto 12	46
Foto 13	47
Foto 14	47
Foto 15	48
Foto 16	48
Foto 17	49
Foto 18	49
Foto 19	50
Foto 20	50

Sumário

Resumo	08
Introdução	12
Capítulo 1: Narrativas de uma Professora - O Biográfico e o Educativo	
1.1: Trajetória de formação	14
1.2: Conversando sobre as minhas Inquietações	18
Capítulo 2: Rotinas na Educação Infantil	
2.1: Definições Conceituais	21
2.2: Encontros Teóricos	24
Capítulo 3: A Escola Professora Miltolina da Silva	
3.1: Um Breve Histórico da Escola	26
3.2: Estrutura	27
3.3: A Rotina com as Crianças	29
3.4: Desafios e Possibilidades	35
Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	39
Anexo A	43
Anexo B	51
Anexo C	54
Anexo D	58

Introdução

A rotina é categoria que emerge desenhando as diversas pedagogias na educação infantil. Significativamente essas pedagogias são muitas das vezes vinculadas às diversas experiências dos docentes, na narrativa de seus cotidianos, nas histórias vividas e resultantes da prática pedagógica devida como docente.

A categoria de análise, a rotina, está impregnada de ações docentes, dos adultos no mundo e cultura infantil. Culturas essas que se postula que as crianças, através das relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo.

Sobre este pensamento, da cultura que emerge nos pátios, na recreação, que foge dos olhos dos adultos, da cultura que encontra um lugar, lugar este que não é aquele que o adulto estipulou para a criança nessa rotina pensada para demandar o ordenamento das atividades diárias num Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), ou outro espaço de educação infantil, pensa-se sobre a rotina como apenas uma ferramenta para dar ao cotidiano um ordenamento das atividades, já que o cotidiano é um conceito que cabe a dinâmica na educação infantil pensando na diversidade das ações docente e infantil.

O lugar da criança e do adulto tem lugar na discussão, visto que esse lugar é dado pela pedagogia experimentada pelo docente e pelos adultos que direcionam o trabalho no EDI. Esse lugar é estruturado a partir das relações sociais, emocionais e cognitivas que organiza a vida cotidiana e as relações com a realidade.

Nesse contexto as crianças constroem suas identidades como crianças e como membros de um grupo social, sendo mais que ser passiva que incorporam a cultura adulta imposta pela rotina, mas como seres que interagem com o mundo, criam, interpretam e agem sobre a realidade. Todo o contexto, toda rotina estipulada, toda cadeia de ações adultas na rotina não impede o imaginário infantil, existe uma fuga para realidade da cultura que emerge em meio ao aprisionamento das grades de muitos lugares.

Este trabalho está dividido em capítulos que narram a proposta da pesquisa primeiramente (capítulo um) a partir da vida docente da pesquisadora e suas inquietações, vinculando as experiências da professora como ponto de partida para se pensar nas experiências enquanto educadora, e segundo Guedes e Frangella (2013, p.

191), o próprio ato de narrar a vida reaviva seu sentido para cada um dos que relembram, tarefa de autoaperfeiçoamento, uma reconquista.

No capítulo dois, vamos discutir os conceitos sobre rotina, dialogando com vários autores e tendo Maria Carmem Silveira Barbosa como base para a discussão sobre o tema. No terceiro capítulo é apresentado o espaço de educação infantil Professora Miltolina da Silva, um espaço de educação infantil da Secretaria de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, onde se discute o espaço, a rotina e proposições no processo acerca da aprendizagem na infância.

Essa pesquisa, a priori, vem contribuir para que tenhamos a perspectiva da escola a partir da lógica infantil e pensar a criança não como simples objeto de investigação, mas companheiras na pesquisa, ouvindo-as e narrando através da pesquisa sua cultura em meio ao aprisionamento da rotina dos espaços escolares, fortemente influenciado pela referência do mundo adulto.

Capítulo 1: Narrativas de uma Professora - O Biográfico e o Educativo

A intenção política de desenvolver a oferta da educação “ao longo da vida” convida-nos a repensar as dinâmicas da construção biográfica. ...É chegado o momento de aproximar o momento de biografia e educação, numa perspectiva de “biografização” que diz respeito tanto ao espaço social da escola quanto aos programas de formação continuada.

Pierre Dominicé ¹

1.1: Trajetórias de Formação

A vida e logo a profissão estão diretamente marcadas pelas narrativas biográficas e autobiográficas como afirma Souza (2011). Demarca o lugar onde o sujeito, ao elaborar lembranças de suas experiências, organiza as idéias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal. Sendo assim, podemos dizer que:

A narrativa faz parte das nossas vidas, mas muitas vezes a gente se esquece de narrar para os nossos alunos. Não só histórias verdadeiras, mas outras histórias para que eles tentem compreender o mundo. Então, narrar é uma obrigação. Acho que é uma atitude política. Não é só social. É uma atitude política de todo professor. Ler para os seus alunos para que eles se tornem leitores também (GUIMARÃES, O. XV Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita, UNIRIO, 19/10/2008). ²

Nesse sentido tentarei organizar essas vivências na medida em que nos ajude a entender o caminho de minha pesquisa. Nunca estudei em escolas renomadas no ensino fundamental, nem na educação infantil. Nascida no subúrbio carioca meus pais me mantiveram no ensino privado, em pequenas escolas particulares no subúrbio carioca até a quarta série, hoje 5º ano do ensino fundamental.

¹ Referência (p. 21) ao prefácio de Pierre Dominicé na versão brasileira do livro “Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto” de Christine Delory-Momberger, pela editora Paulus, 2008.

² Na escolha do tema para a monografia conversei com ex-aluno de pedagogia da UNIRIO em pedagogia. Hoje já com mestrado, participante do Grupo de Estudos e Pesquisa das/os Professoras (es) Alfabetizadoras (es) Narradoras (es) (GEPPAN) de formação. As conversas com Thiago formam fundamentais para a escolha de meu tema, aluno dedicado e com experiência com grupo de pesquisa me inspirou a acreditar na minha proposta e participar do FALE (Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita), como ouvinte para me aprofundar no tema das narrativas como propostas para formação. A leitura da sua monografia foi inspiradora para mim enquanto discente de licenciatura em pedagogia.

Do sexto ano em seguida fui para ensino público na Escola Municipal Alexandre Farah, em Ricardo de Albuquerque no Rio de Janeiro, exatamente no ano de 2001 quando tive uma perda irreparável, meu querido pai. Todas as coisas se tornam novas quando se sai da quarta série para quinta. Vários professores circulando, entrando numa sala e entrando em outra, línguas estrangeiras como espanhol e francês entravam no currículo.

Essa escola era administrada pelo professor Célio Luparelli, professor da escola Pentágono aqui no Rio de Janeiro, e diretor da Escola Municipal Alexandre Farah. O Colégio Pentágono é renomado, no Bairro de Vila Valqueire aqui no Rio de Janeiro, na contramão da Escola Municipal em que eu estudava, onde a maioria dos alunos não era de classe média.

No entanto eu via a escola Alexandre Farah como minha salvação para sair da situação que eu me encontrava, no que tange a minha vida familiar. Sem pai e minha mãe grávida eu via nos estudos a única chance de eu sair daquela condição e galgar uma vida mais confortável num futuro próximo, eu tinha apenas 11 anos de idade.

Essa escola Municipal era comandada com pulso forte pelo professor Célio. Uma rotina tradicional. Ficávamos em forma, ainda que no sol escaldante, e ele passando em revista todos os alunos para saber sobre uniforme, não podíamos usar brincos, batom, pulseiras, nada além do uniforme escolar, calça azul marinho, blusa branca de tergal com bolso com nome da escola, sapatos e meia preta. Cantávamos o hino nacional nas segundas-feiras, devidamente ensaiado pela professora de música Odete.

Era uma rotina que assustava os alunos, todos temiam o diretor, o inspetor, e outros funcionários da escola. Tínhamos medo de ficar suspensos das aulas por indisciplina, de ter registros da carteira escolar por atraso, por exemplo.

Posso dizer que essa formação no ensino fundamental e esse tradicionalismo marcou minha vida escolar, no mais a minha formação de professores na Escola Normal Carmela Dutra também veio contribuir para minha formação como estudante e então enquanto docente, minha primeira formação como professora dos anos iniciais do ensino fundamental e educação infantil.

Minha formação ocorreu entre os anos de 1996 e 1998, em Madureira, bairro famoso no rio de Janeiro pelo contexto do carnaval carioca e outras manifestações culturais suburbanas. A Escola Normal Carmela Dutra também é extremamente tradicional, respeita a sua própria história como eixo principal do ensino naquela

instituição. O curso normal representou grande oportunidade de uma formação profissional em minha vida. Desde 1999, me tornei professora e experimentei oportunidades de trabalho no que tange ao espaço escolar.

No ano 2000, entrei para Universidade Federal do Rio de Janeiro, fui à primeira da família a cursar o ensino público na graduação, isso foi uma marca histórica pra mim, cheia de sonhos, com vinte anos de idade fui cursar história, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), berço de grandes manifestações políticas, no Largo São Francisco aqui no Rio de Janeiro. Muitas coisas eu não sabia, não entendia bem o que se falava, mas guardava dentro de mim a vontade de crescer profissionalmente e ser uma cidadã capaz de fazer boas escolhas e ter poder de decisão frente ao mundo em que vivo.

Minha aprovação no concurso para provimento como professora dos anos iniciais na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro veio apenas em 2007. Com formação em História e docência pela escola Normal fui aprovada no concurso e foi então meu maior desafio.

Entre na metade do ano letivo, tudo diferente de quando eu era aluna na escola municipal. O comportamento dos alunos, a priori, me assustava pela violência entre os pares, pela indisciplina e pela desorganização da unidade escolar no fim da gestão do governo da época, hoje conhecido como período Cesarismo (referência a César Epitácio Maia, que governou por três mandatos a cidade, prefeito que permaneceu mais tempo no cargo e citado nos livros de história do Rio de Janeiro).

O sistema de ciclos era novo para mim, onde os professores não aplicavam provas, a aprovação se baseava em relatórios semestrais, e muitas outras formas de avaliação que eu desconhecia naquele momento. Neste mesmo ano fiquei como professora regente de uma turma de segundo ano do 1º ciclo de formação, ou ano final do ciclo (3º ano das series iniciais) e também uma turma de educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

Duas rotinas muito diferentes numa mesma rede. A escola de ensino fundamental era conduzida pela gestora com mão de ferro. Castigo, gritos, retirada da sala, falta de controle dos professores com a violência entre os educandos, rodízio de professores na unidade escolar pela localização de difícil acesso.

A escola de educação infantil era a menina dos olhos da prefeitura na sexta coordenadoria de educação. Muito bem estruturada, com uma infraestrutura diferenciada, bem administrada, vários recursos, grupo de professores antigos na

instituição, poucos casos de agressividade entre os alunos, uma rotina estabelecida por salas ambientes, refrigeradas, decoradas, ou seja, um ambiente propício para formação das crianças na educação infantil.

Essas discrepâncias e outras nesse meu percurso na rede municipal de ensino me chamam a atenção as diferentes realidades da rotina no ambiente escolar.

Muito me preocupo com o tipo de escola que estamos oferecendo às crianças nos dias atuais, principalmente, já que é meu tema de estudo, nas escolas municipais do Rio de Janeiro.

Não tenho a pretensão de estabelecer um padrão para análise do tema, porém o estudo de caso que será apresentado nesse trabalho poderá nos oferecer realidades para repensarmos a rotina na educação infantil hoje. Perguntas nascem da minha inquietação quanto ao tema: qual o lugar dessas crianças nessa escola, qual o lugar do adulto, como acontece à rotina, trabalhos desenvolvidos e expectativas dos professores e responsáveis sobre o que realmente acontece nesse espaço escolar.

Essas questões certamente trazem desconfiância a mim no tange ao meu desempenho como professora na educação infantil. Aliado às heranças e minhas experiências nas escolas que estudei muitas vezes transporto o tradicionalismo das rotinas que vivi à minha proposta pedagógica com as crianças pequenas. Essa preocupação me assola, e me faz repensar a rotina na educação infantil como um lugar prazeroso e de experiência favoráveis para essas crianças, já que todas as experiências na infância marcam indelevelmente todo caráter psicológico dessas crianças.

As experiências profissionais e da vida falaram muito sobre meu futuro trabalho na escola desta forma revelando relações de poder como afirma Souza:

Vida, profissão e narrativa estão entrecruzadas com relações territoriais e de poder, na medida em que remete o sujeito a viver sua singularidade, enquanto ator e autor investindo em sua interioridade e conhecimento de si e estimulando questionamento sobre suas identidades reveladas nas escritas do eu (SOUZA, 2011, p. 213).

Nesse sentido apresento minha proposta para este trabalho relatar a experiência no Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Professora Miltolina da Silva como espaço de educação infantil, trazendo as novidades do que realmente acontece nessa rotina, quais as marcas do tradicionalismo herdado pela escola municipal nesse espaço e também as heranças do docente na prática docente com as crianças pequenas.

1.2: Conversando sobre as minhas inquietações

Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim...

Clarice Lispector

Uma inquietação acontece pelas manhãs quando chego ao Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Professora Miltolina da Silva, em Guadalupe, um bairro suburbano do Rio de Janeiro, um espaço vizinho a uma favela de onde vem grande parte das crianças atendidas por este espaço escolar. Que inquietação é esta? Ora só posso responder quando revelar como cheguei neste lugar encantando onde a relação trazida pela prática pedagógica nos contagia com a simplicidade e complexidade das vivências e experiências infantis.

Minha experiência como educadora com crianças pequenas acontece então a partir do momento que tomo posse da minha segunda matrícula como PEI – Professor de Educação Infantil na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro em junho de 2011, logo, já trabalho como educadora na rede de ensino municipal do Rio de Janeiro desde julho de 2007 com classe Especial e primeiro seguimento do ensino fundamental regular.

O desafio da experiência cotidiana com crianças é o fio inicial do trabalho monográfico que tenho como objetivo máximo no fim dessa graduação em Pedagogia, assim como o lugar de todos nesse processo de desenvolvimento das práticas pedagógicas frente às rotinas instituídas para este espaço escolar. Muitas perguntas vão surgindo como proposta de pesquisa para estudo.

A inquietação da experiência como professora de um EDI me faz pensar no meu lugar³ na prática pedagógica e o lugar dessas crianças, assim como a rotina é o indício primordial desses lugares marcados para cada um nesse cotidiano. Como a rotina então dá forma ao lugar da criança no espaço escolar? Dentro do planejamento anual desse EDI desejo participar o lugar da criança e do educador nesse cotidiano, mostrando através das falas, das brincadeiras, das rotinas a face experimental e reveladora do cotidiano dessas crianças.

A dura jornada de trabalho com crianças, duas escolas, e os quase cinco anos de

³ Seguindo os passos de Deylla W. A. B. Caetano quando diz que os lugares sociais de crianças e professores na escola são historicamente construídos. Não são lugares apenas geográficos, mas são, sobretudo, lugares de poder, relacionados à visão de mundo, da escola e de conhecimento.

estudo em pedagogia, logo depois de uma graduação em história na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), enfadada e traz a fadiga ao corpo e a mente. Muitas vezes impedindo de como educadora promover situações de aprendizagem mais eficazes e talvez mais elaboradas com as crianças, questões para se pensar no que tange às propostas políticas para promover ao docente uma rotina de trabalho mais eficaz e ser bem remunerado.

Longe de discutir questões no que tange a remuneração e condições de trabalho, proponho dialogar sim, com minhas ações pedagógicas aliadas às das educadoras auxiliares, como me dão pistas interessantes ao sucesso e fracasso das rotinas estabelecidas, e quando penso aqui em rotina estou focando no espaço/tempo estruturado para as crianças, desenhando também as atividades propostas para esses dias letivos.

Também poderá cercar esse trabalho as pistas e o diálogo para repensar o lugar desse educador na intencionalidade das propostas pedagógicas no cotidiano com as crianças, o que pode ser mais significativo nesse caso do que os adultos promovem para elas?

Bimestralmente nós educadores da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro nos reunimos em Conselhos que chamamos de Avaliação na educação infantil, e momentos denominados Centro de Estudos, onde dialogamos com as muitas experiências infantis para reavaliar as práticas pedagógicas. Nesses encontros planejamos atividades semanais, mensais e bimestrais no que tange aos projetos, festas, reuniões, passeios e outras atividades. Repensando estas questões enfrento em mim o desafio de elaborar estratégias que reflitam sobre o real interesse dessas crianças dentro dessa rotina pré-estabelecida para cada uma delas.

Para fugir da generalização posso revelar alguns problemas que resultam na minha aflição. Momentos como o repouso no EDI. De acordo com o espaço reservado para higiene das crianças, banho e repouso nesse EDI adaptado da prefeitura, com uma arquitetura imprópria para as crianças torna esse momento de repouso estressante para eles e para os educadores. Proponho revelar detalhadamente no trabalho monográfico a geografia, a arquitetura do lugar para melhor visualizar esse espaço.

Esses dois pontos são problemas pequenos frente à realidade da rotina nos espaços de educação infantil. Como saborear a experiência do desenvolvimento infantil e a rotina das práticas sem macular o imaginário infantil, sem promover marcas negativas, que são indelévels nesse período de vida da criança, ao seu processo de

aprendizagem com adultos e com seus pares.

Tenho como ambição repensar a rotina, a relevância deste estudo e as possibilidades de compartilhar as reflexões particulares nesse exemplo, neste EDI onde desenvolvo minha docência, tecendo a partir das experiências que emergem no cotidiano escolar, mostrando a geografia do lugar, a estrutura física e suas debilidades, a natureza do lugar e suas possibilidades. Não me prendo a um modelo metodológico que se mostra eficaz, por ora é um convite repensar minhas práticas pedagógicas, também um diálogo com os saberes infantis.

Aliado as minhas inquietações no que tange ao lugar do adulto e das crianças ditado pela rotina, os conceitos elaborados para termo rotina e seu significado no EDI, diálogo-fala das crianças como centro da redefinição da prática pedagógica surge às muitas propostas para trilhar os caminhos teóricos para apoio à escrita do texto final.

Pensando no diálogo inicial para se pensar no conceito de rotina o trabalho de Maria Carmem Silveira Barbosa em a “Constituição Social da Rotina”⁴, como a autora repensa o conceito de rotina e seu caminho histórico e sua definição para os dias de hoje baseado na instituição social da rotina no seu tempo histórico.

Dado importante para compreendermos algumas vezes o engessamento da rotina, a psicologia do estabelecimento dela nesses espaços escolares, a reprodução de mecanismos de repressão e de não valorização do corpo infantil e dos desejos infantis, na negação do imaginário infantil e não valorização das fantasias frente ao interesse da rotina como herança de um tempo histórico reproduzido por alguns espaços escolares.

Pensar a rotina como algo instituído para seu tempo histórico pode nos dar pistas ao que se espera de uma criança que passa grande parte de seu dia num espaço escolar tendo cronometrado seu tempo e suas atividades que precisam ser espontâneas e dotadas do encantamento das suas descobertas cotidianas seja solitariamente, seja com seus pares, seja com os adultos.

Capítulo 2: Rotinas na Educação Infantil

⁴ A constituição social da rotina em a autora refaz o caminho histórico do conceito de rotina e sua implicação no cotidiano. O debate atribui à rotina conceito e descreve no Brasil o caminho da rotina nas instituições legais desde o império ate os dias atuais.

2.1: Definições Conceituais



Foto 01 - Turma EI 31 (EDI Professora Miltolina da Silva) apresentação das placas dos nomes às crianças, seguindo planejamento anual da unidade escolar - chamadinha reprodução da prática do ensino fundamental na educação infantil. ⁵

Principal conceito deste estudo, certamente é a rotina. O que ela em tese significa sua definição conceitual atual e histórica muito interessa para que entendamos sua eficácia e o uso até hoje nas escolas de educação infantil.

Nelas estão outros temas que certamente interferem no desenvolver da atividade educativa no espaço escolar: tempo, espaço, organização dos professores e crianças, controle sobre as crianças e autonomia. Esses temas são fundamentais para entendermos a rotina enquanto marca na trajetória da criança no espaço escolar.

Para Maria Carmem Barbosa (2006), as rotinas são produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, tendo como objetivo a organização do tempo e do cotidiano. Organizar o cotidiano de forma que não implique no seu engessamento e um grande desafio, já que o cotidiano é feito de experiências humanas não previsíveis, do imaginário coletivo e individual. Segundo Barbosa:

⁵ Na aula aberta Política e cotidiano com Aristeo Leite e Rita Ribes no Memorial Getúlio Vargas no Rio de Janeiro no dia 05 de abril de 2014, o professor Aristeo criticou ferrenhamente a prática de transpor práticas do ensino fundamental na rotina da educação Infantil. Não na perspectiva de crítica, porém a foto retrata uma atividade na rotina na educação infantil no EDI, onde as crianças no início do ano letivo são apresentadas ao seu nome escrito com placas do que chamamos de “chamadinha”. Parece que falta inovação no que tange a trabalhar o nome das crianças sem reproduzir com diminutivos a prática de aprendizagem do nome para alunos maiores. Numa visita da coordenadoria em abril de 2014, à unidade escolar, um membro da coordenadoria constatou que duas turmas estavam sem fazer a “chamadinha” naquele dia da visita. A escola foi notificada na pauta da visita sobre a falta grave em não trabalhar o nome com as crianças, como se esta fosse a única forma de apresentar às crianças o seu próprio nome.

A rotina desempenha um papel estruturante na construção da subjetividade de todos que estão submetidos a ela (BARBOSA, 2006, p.6).

Sim, a rotina caracteriza toda a dinâmica das atividades na educação infantil. E é responsável na construção dessa subjetividade infantil. Vai moldando uma subjetividade aliada à muitos outros fatores nas crianças.

Segunda autora a categoria rotina emerge como núcleo central em que operam as *pedagogias*, pedagogias essas da educação infantil, as quais sinalizam a existências de um discurso que institui um estatuto para a infância: a organização de espaço social adequada para a educação e cuidado das crianças.

Essa organização dos espaços sociais, das relações de poder, dos lugares definidos certamente caracteriza a rotina como categoria fundamental para cartografar os espaços de educação infantil. O controle ou não como ferramenta da pedagogia nesses espaços como a autora diz:

Quanto ao controle social nas pedagogias visíveis, a hierarquia é explícita, as regras são apresentadas e com elas as punições. Os princípios da ordem devem ser aceitos, não sendo necessários compreendê-los (BARBOSA, 2006, p. 4).

É rotineiro um conjunto de atividades, como cozinhar, dormir, estudar, trabalhar e cuidar da casa, regulada por costumes e desenvolvida em um espaço e tempo social definido e próximo, como a casa, a comunidade ou o local de trabalho. É preciso aprender certas ações que, com o decorrer do tempo, tornam-se *automatizadas*, pois é preciso ter *modos de organizar a vida*. Do contrário, seria muito difícil viver se, todos os dias, fosse necessário refletir sobre todos os aspectos dos atos cotidianos.

No EDI, por exemplo, as crianças aprendem com a rotina a utilizar o banheiro de forma autônoma, fazer a escovação dos dentes sozinhos, fazer troca de roupas, calçar seus sapatos, organizar os pertences pessoais, coletivos, tudo dentro da lógica da rotina estabelecida para cada grupamento. Tudo é vivenciado de forma regularizada pelo espaço-tempo nesse ambiente escolar. O relógio serve para controlar as atividades de forma que sejam repetidas de forma correta e que todas as crianças sejam capazes de relembrá-la no dia seguinte.

Uma grande preocupação em relação à rotina nasce na impossibilidade de criação dos pequenos frente ao que diz Jenks e Prout (1998):

Essa questão sugere que talvez o que vimos chamando de culturas infantis exista apenas nos espaços e tempos nos quais as crianças têm algum grau de poder e controle. As culturas infantis emergem nos interstícios dos ordenamentos espaciais e temporais que organizam a vida das crianças (JENKS; PROUT, 1998, p. 14).

A idéia da rotina algumas vezes encerra com a liberdade da quebra de protocolo no imaginário infantil, todavia sabemos que é necessário viabilizar as atividades cotidianas de forma coordenada, ainda mais num espaço que não oferece tantas possibilidades de diversificação da realidade.

Segundo Maria Carmem Barbosa (2000) é pelas famílias, pelas creches, pelas pré-escolas e por outros que servem como construtores dos sujeitos e da cultura. Esse processo de socialização está organizado dentro de uma ritualização. Os rituais são aqui compreendidos como atos, individuais ou grupais, que se mantêm fiéis a certas regras e hábitos sociais e que possuem um significado particular em cada cultura. São práticas que fixam regularidades apesar de manterem-se abertas a eventuais mudanças.

É necessário diferenciar a vida cotidiana com toda sua complexidade das relações e experiências humanas da rotina, que de certa forma racionaliza todo agir e entre gentes e instituições de forma que organizam suas vidas na cotidianidade.

Entre o cotidiano e a rotina sabemos que o primeiro é mais abrangente, logo se refere a um espaço tempo fundamental para vida humana, com possibilidade do inesperado, onde há margem para inovações.

A rotina pedagógica é uma prática educacional constituída com base em um apolítico social e cultural que está profundamente vinculada à emergência e a vida concreta das instituições da modernidade. As sociedades modernas ocidentais caracterizam-se, prioritariamente, por serem disciplinadoras e normalizadoras (FOUCAULT, 1987; 1991).

2.2: Encontros Teóricos

Na aventura do debate sobre a rotina na educação infantil, é necessário expor a experiência que tenho como educadora no EDI da Prefeitura atualmente para discutir o lugar das crianças e dos adultos, assim como a proposta do espaço-tempo na escola.

Esse trabalho trata de revelar através de algumas experiências cotidianas e da rotina estabelecida essas permanências no modelo de educação anterior, onde a criança ainda é vista pelo que ela não é e pelo que lhe falta em relação ao adulto, daí minha preocupação com a herança do lugar da criança e do lugar do adulto nesse espaço (BORBA, 2007).

As crianças nos desafiam a assumir uma perspectiva teórica metodológica que entenda a infância como lugar de produção de cultura de saberes sobre si e o mundo. Aspecto interessante dessa pesquisa é a possibilidade de nos aproximarmos e conhecermos novos pontos de vista sobre a escola, já que a escola é organizada hegemonicamente a partir da lógica adulta desconsiderando muitas vezes as formas infantis de pensar e estar no mundo (CAETANO; ARAUJO; MORAES, 2012).

Concepções tradicionais permeiam os estudos da Sociologia da Infância, onde muito se trata sobre o silenciamento da infância e das crianças, focalizadas como objetos passivos da socialização imposta pelos adultos (QVORTRUP, 1994).

Pensar a rotina também como organização do espaço e tempo é delegar lugares para crianças e adultos nessa lógica da prática educativa, o cuidado exigido é em qual lugar cada ator deverá ocupar nesse cotidiano experimental.

Para a autora Maria Carmem Barbosa as rotinas podem torna-se tecnologias de alienação quando não consideram o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização da fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos envolvidos.

Quando me propus a falar sobre rotina, a cartografia das relações no espaço escolar, o desafio era teorizar a prática cotidiana e rotineira. Logo percebi:

Um quadro teórico *a priori* focaliza prematuramente a visão do pesquisador, levando-o a enfatizar determinados aspectos e a desconsiderar outros, muitas vezes igualmente relevantes no contexto estudado, mas que não se encaixam na teoria adotada.

(...) é necessário uma posição antropofágica que implica um conhecimento profundo do contexto focalizado, para que se possa avaliar se uma dada teoria é ou não adequada - o que não exclui um esforço maior no sentido de procurarmos gerar nossas próprias teorias (ALVES-MAZOTTI, 1991, p.56).

No entanto, na Sociologia da Infância desenvolvida por alguns autores, me aproximei de teorias que viabilizam esse trabalho e seu propósito.

Entender o lugar da criança na sociedade é capaz de dizer-nos o papel da rotina em muitos espaços de educação infantil. Ora se a criança é vista como um adulto em miniatura e não tem direito a fala, ele não produz sua própria cultura, nem tem seus próprios desejos respeitados.

Não significa negar a existência biológica destes indivíduos. Significa em realidade reconhecer que antes do século XVI, a consciência social não admite a existência autônoma da infância como categoria diferenciada do ser humano (NASCIMENTO, 2011, p. 6).

Capítulo 3: A Escola Professora Miltolina da Silva

3.1: Um Breve Histórico da Escola

A Escola Municipal Guadalupe, hoje Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Miltolina da Silva, que se localiza a Rua Jornalista Hermano Requião s/nº, no bairro de Guadalupe, iniciou suas atividades em 19 de agosto de 1985. Funcionava em caráter de creche, atendendo 60 crianças de 3 a 6 anos, conforme solicitação da comunidade local.

Esta fazia parte do PEE (Programa Especial de Educação), como as demais Casas existentes. Esse programa teve início como um projeto elaborado em caráter emergencial, a fim de atender as reivindicações das mães trabalhadoras das camadas populares e a necessidade de assistência aos filhos destas.

Os funcionários que iniciaram o trabalho na Casa da criança Guadalupe eram leigos e em sua maioria residiam na comunidade local. Portanto a organização do trabalho cotidiano da Casa da Criança Guadalupe, durante o processo de implantação até a chegada de um profissional da Educação, foi na prática, pensada, idealizada e realizada pelos próprios funcionários da instituição.

Em janeiro de 2008, a escola passou a ser denominada Escola Municipal Guadalupe e em setembro do mesmo ano a comunidade escolar escolheu o nome Professora Miltolina da Silva em homenagem à saudosa diretora da E.M. Madre Benedita.

Aos vinte e seis dias do mês de novembro de 2008 foi realizada a inauguração da E. M Professora Miltolina da Silva. Em 2010, passa a ter estrutura de EDI, com uma turma de maternal e outras de EI, uma de horário integral e duas de horário parcial. Os espaços de Desenvolvimento Infantil fazem parte de um novo conceito de educação e atenção para primeira infância, onde creche e Educação Infantil ocupam um mesmo espaço. Voltamos, então ao principio inicial, atendimento às crianças de 03 a 06 anos, só que desta vez numa visão educacional e não mais assistencialista.

3.2: Estrutura

A principal marca de todas as mudanças não está na nomenclatura do espaço e sim de mudança no que tange ao paradigma assistencialista para o educacional é que o espaço físico é o mesmo.

O mesmo espaço pensado para atender crianças pequenas em idade de creche com profissionais leigos é o espaço físico, hoje, dito EDI, elaborado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, na atual gestão.

Uma escola num espaço improvisado com uma visão anterior assistencialista ao modelo vigente de educação da rede municipal de ensino.

Tratando sobre o prédio descrevemos-nos com duas salas de aula, pequeno refeitório, despensa, almoxarifado, pequeno depósito onde fica guardado os materiais de limpeza e repouso, secretaria, dois banheiros para alunos, dois banheiros para professores e funcionários, parte lateral coberta, gradeada e com piso onde estão os lavatórios e bebedouro, sala de leitura (funcionando somente como sala de aula devido ao fato da escola não dispor mais de um professor para a função), sala de saúde, parque coberto e pátios lateral e frontal, além de grande área descoberta e gramada.

As salas possuem mobiliário para atender 25 crianças, com quadro branco, chamadinha, janela do tempo, calendário, vários brinquedos e cantinhos de fantasia, jogos, musica, faz de conta, leitura, entre outros. Nelas ficam expostas também as produções mais recentes das crianças, alfabeto, números e suas quantidades, além de cartazes com o nome e componentes de cada turma. Criando assim, um ambiente alegre e cheio de possibilidades.

No parque coberto temos um casinho, escorregador grande, além de peças de espuma, bicicletas, velocípedes e vários brinquedos compatíveis com a faixa etária de crianças que a escola atende, com carrinho, bonecas, peças de encaixar e montar. A área gramada é um espaço livre que pode ser usado com ou sem brinquedos móveis que a escola possui.

O EDI Miltonina da Silva, hoje é uma estrutura provisória (fisicamente) com uma proposta nova de educação da Prefeitura do Rio de Janeiro. Nessa lógica, temos salas de aulas desprovidas de ventilação, já que temos duas portas, mas precisa ficar fechadas para garantir a segurança das crianças, já à construção apresenta muitas armadilhas no que tange a segurança dos pequenos.

Um espaço que ainda falta assegurar o ambiente como parceiro pedagógico.

Adentrar em uma área iluminada, privada de cadeiras de espera, além de plantas, fotos, quadros bem colocados nas paredes, proporciona uma sensação muito diferente daquela de um corredor escuro com um banco estreito avisos de proibições e equipamentos amontoados, ou ainda, com painéis caindo, imagens estereotipadas... (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006 p. 33).

Um espaço para receber a criança é uma declaração pública de seus valores e prioridades. A organização desse espaço vai revelar explicitamente os valores atribuídos e as intenções com estes pequenos através de uma proposta educacional. Quando:

Quaisquer que sejam as limitações do prédio, sempre há algo que pode ser feito para torná-lo mais confortável e atrativo para os adultos e as crianças que nele passam longas horas do dia. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2007, p.33).

Muitos acidentes ocorrem por causa dessa estrutura, principalmente o prender os dedinhos nas portas de ferro feitas para garantir a segurança dos equipamentos da sala de aula, já que a população da comunidade em volta da escola entra para furtar a unidade escolar. A preocupação em dar segurança a construção e aos pertences das unidades escolar afoga as crianças em meio as grades e salas em clausura.

3.3: Projeto Pedagógico da Unidade Escolar

*A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa
Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do
mundo.*

Mário Quintana



Foto 02 - Turma do EI 12 conhecendo o bairro onde a escola está localizada. Uma prática que se repete anualmente para que as crianças conheçam o entorno da unidade escolar, a história do lugar aliado à história de sua própria vida, já que a grande maioria mora perto da escola.

Os EDIs fazem parte de um novo conceito de educação e atenção para primeira infância. Nesse novo modelo, as crianças são estimuladas a desenvolver, desde pequenas, a aprendizagem através da convivência com livros e materiais apropriados, além de contarem com educadores preparados, garantindo assim, um atendimento com mais qualidades.

Este novo modelo é reflexo da transição que se processa a Educação infantil de nosso País, mais especificamente de nosso município, como também é produto de mudanças que vem ocorrendo desde 1988 até os nossos dias, pois com a constituição de 88 a Educação Infantil, deixou de ser direito dos filhos das mães trabalhadoras e passou a ser direito das crianças.

Ainda de acordo com esta Lei, é responsabilidade do poder público oferecer creches e pré-escolas à todas as crianças cuja as famílias desejarem. Temos também a

nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) que reconhece as creches e pré-escolas como partes do Sistema de Ensino, definindo-as como primeira etapa da Educação básica, as quais têm por finalidade o desenvolvimento integral da criança.

Portanto a partir das mudanças ocorridas no contexto sócio histórico e político educacional do nosso país e município, os atuais educadores vêm se conscientizando de que as escolas de educação infantil são espaços que permitem a criança explorar o mundo, e estas devem se assumir em sua integridade humana, enquanto sujeitos de direito, sujeitos de conhecimento e de sensibilidade.

A escola incorporou os contos ao nosso dia a dia numa tentativa de intervir de forma mais eficaz na formação de leitores, oportunizando as crianças, desde a tenra idade o contato com os livros, visando ampliar sua bagagem cultural, desenvolver o seu prazer em ler e influenciar de forma positiva em suas escolhas.

O projeto da Escola chama-se “A arte de ler e encantar na Educação Infantil: Múltiplos olhares, diversas leituras” e para seu efetivo cumprimento nossa prática pedagógica está pautada em algumas correntes teóricas e entre elas podemos citar a influencia de alguns autores.

Vygotsky, quando propicia aos alunos as interações com seus pares e com os adultos para que todos possam realizar hoje com autonomia o que antes só era realizado com auxílio. A teoria sócia interacionista tem como base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem neste desenvolvimento.

Sua questão central é a aquisição de conhecimento pela interação de sujeitos com o meio. Todos os membros da escola estão presentes na mediação entre o indivíduo e a cultura. Os processos pedagógicos são intencionais e favorecem a construção de conceitos. O aluno aprende interagindo com os outros alunos e o professor percebe o nível de cada um, orientando a aprendizagem no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial da criança, tornando real.

Para Vygotsky não existe brinquedo sem regra, pois qualquer situação imaginaria requer uma compreensão de regras em diferentes níveis. A criança que brinca de faz de conta assume na brincadeira regras de comportamento se mostra, além da sua compreensão dos papeis sociais, como domina na ação as regras do convívio social.

O projeto da escola está muito voltado para as concepções de Magda Soares no que tange alfabetização e letramento. Para o EDI os processos de alfabetização e letramento são processos inseparáveis tomando como princípio a teoria da autora. Logo os processos permitem que as crianças com seus pares e com adultos que as cercam sejam produtivas pertinentes.

Dá-se enfoque não só a aquisição do sistema de escrita como também ao desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita. Ao mesmo tempo em que mostramos aos alunos a importância de se decifrar esse código que é a escrita, fomentamos neles a vontade de se apropriar da escrita através da funcionalidade desses códigos.

De acordo com o texto “Primeira Infância: Um olhar desde a neuroeducação” e baseando-se nas discussões realizadas na 4ª Jornada Pedagógica da Educação Infantil, ressaltamos que os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento do ser humano já que nas primeiras experiências perfilam a arquitetura do cérebro e desenham o futuro comportamento, deixando marcas indeléveis.

Nessa etapa, o cérebro experimenta mudanças importantes: cresce, desenvolve-se e passa por períodos sensíveis para algumas aprendizagens e por esta razão necessita de um entorno com experiências significativas, estímulos multissensoriais, recursos físicos adequados; mas principalmente necessita de um ambiente intensificado pelo cuidado, pela responsabilidade e pelo afeto do adulto comprometido.

A primeira infância é a plataforma de decolagem do nosso universo sensorial e perceptivo. O afeto, o sono e a nutrição exercem papel fundamental para o amadurecimento neurológico e o desenvolvimento emocional, motor e cognitivo das crianças, embora cada criança nasça com um cérebro programado geneticamente para retirar do entorno toda a informação, as interações e relações sociais qualificarão esse processo.

3.4: A Rotina com as Crianças



Foto 03 - Momento da rotina inicial com a professora do EI 31, Andreia Malta, conhecendo o corpo, cantando músicas para saudar os colegas, saber sobre dia da semana, conversa inicial, novidades do dia.⁶

A rotina apresenta a estrutura sobre a qual será organizado o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina organiza o tempo e é estruturante para as crianças e adultos, pois permite antecipar o que será vivido, ótica da escola, para desenrolá-lo das atividades cotidianas.

Segundo a coordenação pedagógica do EDI a rotina não deve ser somente a expressão do que é rotineiro, do que se arrasta tediosamente, mas deve apresentar um formato previsível e ordenado, há espaço para expressão e espontaneidade, da criatividade e das relações positivas, sem cair em modelos repetitivos e mecânicos.

O EDI através da gestão tem a fala de que a escola precisa estar atenta para organizar o tempo planejado e intencional, desta forma as atividades direcionadas para as crianças menores precisam levar em consideração que seu tempo de concentração e interesse é menor. Na elaboração das atividades esse cuidado está sempre presente. Quando diferentes atividades acontecem na instituição à organização prioriza o grupo, a atividade acontece em horário mais apropriado à maioria dos alunos.

⁶ Em corpo e Movimento, disciplina oferecida na licenciatura em pedagogia da UNIRIO, a Prof.^a Lea Tiriba, sempre apresentou excelentes falas acerca da liberdade do corpo principalmente na educação infantil. Desta experiência faço com os alunos o momento inicial da rotina momento de experimentar inicialmente o próprio corpo, como movimento semiótico no que tange a liberdade das ações infantis mesmo num espaço limitado pela arquitetura do prédio.

A organização dos espaços acontece de forma a conter estímulos adequados ao desenvolvimento integral das crianças.

Certamente podemos enxergar muitas permanências do modelo de escola gerado pela casa da criança no modelo atual de escola, o EDI (Espaço de desenvolvimento infantil). Comportamentos são notoriamente recriados na rotina dos pequenos todos os dias, mesmo que a proposta de educação seja voltada para o desenvolvimento nesse espaço educacional.

O principal problema tange ao perfil assistencialista e educacional principalmente dos servidores que ainda estiveram na casa da criança, poucos, mas ainda exercem hegemonia, principalmente por que hoje são gestores da unidade escolar.

Permanências essas que ainda estão em conformidade com a arquitetura do prédio, propondo pequenos ajustes, porém sabendo que a arquitetura do prédio não tem conformidade com a proposta de uma rotina com uma proposta de menos aprisionamento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (20/2009 11/11/2009) prega o refutamento da função e caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças. Ora a proposta num espaço de Educação Infantil deve ser como estabelecimento educacional, e deve estar, no entanto, construído de acordo com esta proposta.

É necessário apresentar um modelo de planejamento e também imagens que mostrem o estabelecimento para termos uma idéia do espaço em pauta.

No EDI Miltolina da Silva, temos quatro turmas, num total de 90 crianças. Que contemplam a idade de 3 a 5 anos. Essas turmas são duas integrais (07h30min às 16h30min) e duas caráter parcial 07h30min às 12h00min / 12h45min às 17h00min). Essas turmas dividem um espaço de áreas construídas com apenas duas salas. Sendo a terceira sala uma sala de leitura improvisada.

As implicações não estão no campo da crítica ao espaço, mas no que é impedido que ocorresse pela segurança dos pequenos em espaços que não são pensados para liberdade dessas crianças e muito menos na sua autonomia. Se o espaço tem a intencionalidade de que as crianças e adultos transitem livremente, e tenham distintos materiais a disposição, principalmente, um tempo que garanta a execução de suas próprias atividades, seria possível refletir sobre novas maneiras de organizar o tempo e os grupos na unidade escolar.

Muitas vezes nos deparamos rotina ditada pelo tempo, pela elaboração e realização das tarefas, que se perde a preocupação naquilo que as crianças são e naquilo que elas podem realizar. Algumas vezes tudo se concentra naquilo que as crianças não são no que elas não têm e no que elas não podem fazer. Ou seja, acabamos por nos focar nas necessidades do que na capacidade e potencialidades.

Digo isto, pelo efeito da construção do espaço e sua limitação no que tange a liberdade das crianças e nas armadilhas no que se refere a segurança dos pequenos: muitas das vezes duvidamos das capacidades das crianças frente ao perigo e frente ao imprevisto, como se estas não fossem capazes de elaborar suas estratégias de segurança e de autoproteção nos momentos da brincadeira.

Os espaços no EDI Professora Miltolina da Silva são organizados de forma a conter estímulos adequados ao desenvolvimento integral das nossas crianças. Os espaços comuns são: sala de aula, banheiros, parquinho, pátios externos, refeitório, áreas de escovação e bebedouro. (vide anexo A).

Os espaços comuns como o parque e a área gramada são usados pelo professor regente ou o de educação física em sistema de rodízio estabelecido desde o início do ano letivo, pois existe a necessidade de a criança praticar atividades livres dentro e fora da sala de aula e vivenciar experiências nas áreas externas. As turmas de EI utilizam as salas também em sistema de rodízio, pois atividades que necessitam do uso de som, DVD's são podem acontecer em uma dessas salas. A organização do tempo é definida em reunião com docentes e gestão no início de cada ano letivo, não criando dificuldades para o sucesso do sistema. (veja anexo B - planejamentos e organização tempo).

Segundo projeto político pedagógico anual do EDI, as turmas são caracterizadas pela escolha de um nome que remete ao projeto, neste ano o projeto cujo nome é “Contar e recriar, uma viagem fantástica pela Literatura infantil”, as quatro turmas na unidade escolar tinham os seguintes nomes: Maternal II (EI 30 – turma do patinho feio), Pré-escola I (EI 21 – Turma do castelo encantando), EI 20 – Turma do Pinóquio, Pré escola II (EI 10 – Turma da Cinderela).

As atividades são desencadeadas a partir dos clássicos infantis conforme anexo C. As atividades que envolvem as datas comemorativas do calendário escolar e culminâncias na própria rede ou da coordenadoria são sempre estabelecidas a partir do projeto político pedagógico anual da unidade escolar.

Além das atividades do calendário escolar o EDI recebe a visita de parceiros da prefeitura no que tange a saúde das crianças, pediatras, dentistas e aulas passeio, como na cidade das crianças, planetário, salão do livre, museu do índio.

A rotina se mistura à correria do cotidiano, com sua dinâmica e imprevistos, aliados a estrutura ditada pela rotina e a organização do tempo em atividades cronometradas pelos adultos, para que o planejamento seja devidamente cumprido, principalmente as atividades e refeições para as crianças.

3.4: Desafios e Possibilidades

*Quem são os que têm direito a voz na sala de aula?
Que histórias podem ser narradas, problematizadas, transformadas,
incorporadas positivamente aos discursos pedagógicos?
Que palavras podem ser pronunciadas, escutadas, lidas, escritas, apropriadas?
Que olhares, gestos, expressões, propostas,
recursos atravessam a sala de aula,
ampliando e calando vozes?*
(Maria Teresa Esteban, 2008, p. 65).



Foto 04 – Crianças no caminho Escola Casa no Bairro

Conversando sobre desafios e possibilidades, seja nos encontros com professores, seja na universidade, reuniões de pais, no cotidiano, sempre algo está em pauta: como se faz? Como se alcança?

Parece-me e a todos que se conversa que o “fazer”, a prática é o maior desafio quando se trata de uma nova possibilidade de uma *práxis* pedagógica inovadora.

Inovar é o grande desafio num espaço físico que necessita de adaptações e de possibilidades de interação constante com a natureza do lugar.

Se as salas de aula não são espaços pensados para crianças estarem com tamanha segurança, seja pelo piso escorregadio, seja pela ausência de janelas, de ventilação... se a estrutura física não ajuda, existe a possibilidade de escaparmos das paredes cinzas e explorarmos os outros espaços que cercam o EDI. Com grande terreno o EDI tem diversas árvores e plantas no seu quintal, grama verde, possibilidade das crianças interagirem com o verde do espaço aberto e com os animais do cotidiano no céu e no gramado (formigas, percevejos, minhoca, insetos, pássaros..)

A Experiência da prática pedagógica que foge dos “trabalhinhos” ditados pela rotina estrutural se concentra na elaboração de atividades que pensam a exploração do próprio corpo, da lateralidade, da natureza e ciência do lugar, da matemática do cotidiano com a dinâmica dos jogos infantis, da brincadeira de casinha, de bola, de carrinho, do brincar com terra.

Sendo a escola um lugar de paredes, brinquedos e crianças, o espaço da escola para o adulto e para criança tem significados diferentes. Nas possibilidades de vários diálogos com as crianças no meu dia a dia, o medo, a ansiedade e vontade de estar com os responsáveis, o desejo de voltar para casa, e em outros, o desejo de estar na escola, de estar com os educadores, me faz compreender que o significado do lugar, no sentido geográfico e relacional no que tange ao poder está em cada indivíduo.

O desafio se fixa nas possibilidades de tornar a rotina dinâmica no que tange a estrutura das atividades do cotidiano. E as possibilidades se fixam nas oportunidades e na criatividade de quem organiza o tempo-espaço para que nasça do “mesmo” a criatividade do cotidiano e a mágica da alteração do *status quo*.

Considerações Finais

A qualidade dos espaços planejados para o trabalho com crianças é de certo importante para refletirmos. A organização dos espaços interfere na concretização de projetos educacionais (GUIMARAES, 2007, p. 2).

A educação nos faz mobilizar novas formas de representação e possibilidades de explorar o mundo. Neste trabalho, fica evidente que a estrutura da rotina num espaço de educação infantil não dá conta de narrar toda dinâmica do espaço, do tempo, das criações, do dinamismo do cotidiano, das invenções, das culturais nascidas do imaginário infantil, entretanto, deve ser considerada no processo pedagógico, seja nas escolas ou mesmo em qualquer lugar.

Pensar numa rotina que estabeleça que o processo criativo da criança seja gerado a partir da proposta do tempo estabelecido pela mentalidade adulta, não é viável. As crianças enquanto sujeitos de direitos deve ser o objetivo dos espaços de formação.

A educação não está comprometida apenas com o desenvolvimento da cognição da criança, mas também com o corpo, não como a solução de problemas do mundo adulto, mas pela criação de sentidos sobre o mundo e sobre o corpo inteiro.

A rotina como proposta de explorar o cotidiano no EDI vem com a perspectiva de explorar a dinâmica das crianças, e de pensar num espaço e num educador que dêem apoio ao movimento, que incentive a autonomia e que contribua para diversificação das atividades do dia a dia e todas as possibilidades.

Diminuir as possibilidades de criação das crianças por que o espaço não oferece segurança e utilizar sempre o planejamento como antecipador dos movimentos não proporciona a criança sentir que sua voz tem lugar nesse espaço, nesse espaço das relações de poder criança versus adulto.

O espaço é um facilitador da expansão criativa e das diversificações das possibilidades expressivas, sensoriais, emocionais da criança. A rotina pode estruturar o cotidiano, porém não pode anular o dinamismo do cotidiano infantil.

O tamanho do espaço para a criança não tem relação só com a metragem, mas da forma como o espaço é experimentado por ela (GUIMARAES, 2007, p.3). Esse espaço é algo projetado, já o lugar que tanto se falou no decorrer do trabalho e construído nas relações.

Há de se permitir que a criança interfira nesse espaço, o modificando todos os dias como, demarcam seus territórios, no processo de territorialização, transformando um simples chão cinza de concreto numa passarela de moda, ou no chão da cozinha numa brincadeira de casinha.

Os conhecidos postulados sobre a infância são uma construção social e plural, reverberam no entendimento de sua dimensão espacial, pois as infâncias passam a ser lugares destinados às crianças e que se materializam em formas de paisagens nas diferentes sociedades (LOPES, 2013, p. 291).

As crianças resignificam os lugares que os adultos lhe propõem a priori. Na escola, por exemplo, as mesas na sala de aula viram seus esconderijos, se escondem uma realidade que desprezam, buscam o obrigo na sua imaginação e nas culturas nascidas através da brincadeira com seus pares.

Referências Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, A. J. . O planejamento de pesquisas qualitativas em Educação. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 77, p. 53-61, 1991.

BARBOSA, M. C. S. Fragmentos sobre a rotinização da educação infantil. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 25, n.1, p. 93-113, 2000.

_____ Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____ A Rotina nas pedagogias da educação infantil: dos binarismos à complexidade. Currículo sem fronteiras, v.6, n.1, p. 56-69, jan/jun, 2006.

BARROS, M. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BORBA, A. M. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. Momento (Rio Grande), v. 18, p. 35-50, 2007.

_____ A Brincadeira como Experiência de Cultura. In: CORSINO, P. (Org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. p. 69-78. Campinas: Autores associados, 2012.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Brasília: MEC/DPE/COEDI, 1998.

_____ Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil. v. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____ Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI). Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____ Brinquedos e Brincadeiras de Creches: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC/SEB, 2012.

CAETANO, D. W. A. B.; ARAUJO, M. S.; MORAIS, J. F. S. (Orgs.). Currículos: Problematização em práticas e políticas. Revista Teias v.13. nº 27. p. 205-217. jan/abr. 2012.

CORSI, B. R. Relações e Conflitos entre crianças na educação infantil. Educar em Revista. Curitiba, Brasil, n. 42, p 279-296, out/dez, 2011.

CORSINO, P. (Org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas: Autores associados, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

DIDONET, V. Creche: a que veio... para onde vai... Em Aberto. Educação Infantil: a creche um bom começo. Brasília, v. 18, julho de 2001.

ESTEBAN, M. T. Diferença na sala de aula: desafios e possibilidades. In: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (Orgs.) Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes. São Paulo: Cortez, 2008.

FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (Org.) Territórios da Infância: Linguagens, Tempos e Relações para uma Pedagogia para as Crianças Pequenas. Araraquara - SP: Junqueira&Marin, 2009.

FREIRE ANDRADE, D. B. S.; LOPES, J. J. M. (Org.) Infâncias e Lugares: lugares em diálogos. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. História da Violência nas prisões. Petrópolis: vozes, 1987.

GUEDES, A. O.; FRANGELLA, R. C. P. Bordando Palavras, Costurando Memórias: Práticas de Formação-Ação. In: **KRAMER, S.; NUNES, M. F.; CARVALHO, M. C.** (Orgs.) Educação Infantil: Formação e Responsabilidade. Campinas – SP: Papyrus, 2013.

GUIMARAES, D. A construção da identidade educacional das creches. *Presença Pedagógica*, v. 13, 2007.

_____ Relações entre adultos e bebês na creche: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

_____ Educação Infantil: espaços e experiências. In: **CORSINO, P.** (Org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. p. 93-104. Campinas: Autores associados, 2012.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KRAMER, S. (Org.) Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.

JAMES, A.; JENKS, C.; PROUT, A. Theorizing childhood. New York: Teachers College Press, 2004 (1998).

LINS, H. A. M.; DINIZ, N. L. B. Repensar o Currículo na Educação Infantil: implicações sobre o brincar e a língua(gem). Campinas – SP: Silvamartin / Leitura Crítica, 2012.

LISPECTOR, C. A paixão segundo G. H. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. (Org.) O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis, Rio de Janeiro: Rovellet, 2009.

LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista Educação Publica Cuiabá*, v.22, n.49/1, p. 283-294, maio/ago, 2013.

NASCIMENTO, M. L. Nove teses sobre a infância como fenômeno social – Jens Qvortrup. Pro-Posições - Campinas, v. 22, n.1 (4), p. 199-211. jan/abr, 2011.

PASSEGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.) (Auto)biografia: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008.

PORTO, C. L. Brincadeira ou Atividade Lúdica. Salto para o Futuro. Jogos e Brincadeiras: desafios e descobertas. Ano XVIII, p. 33-47, boletim 07 – maio de 2008.

_____ Proposta Pedagógica. Salto para o Futuro. Jogos e Brincadeiras: desafios e descobertas. Ano XVIII, p. 03-11, boletim 07 – maio de 2008.

SANTOS, M. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SOUZA, E. C. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. Educação, Porto Alegre, v.34. n. 2, p. 213-220, maio/ago, 2011.

Anexo A: A Escola, Estrutura Física e a Organização dos Espaços



Foto 05 - O EDI Profª Miltolina da Silva possui duas salas de aula e uma sala de leitura, que se improvisa como sala de aula para turma de educação infantil 5 anos, em rodízio com a turma E. I de 4 anos.



Foto 06 - Essa é a sala da turma E.I 31, 3 anos. Sala com duas portas de ferro, sem janelas. Com duas mesas para atividades com folhas, pintura, massa de modelar e outros. Nessa mesma sala as crianças dormem na hora do repouso.



Foto 07 – Sala de Leitura



Foto 08 - Banheiro para uso de meninos e meninas da turma E.I 31, 3 anos.



Foto 09 - Corredor de acesso para entrada da sala da turma E.I 31. Nesse mesmo corredor está o banheiro de uso das crianças, dos professores e funcionários. Também o lavatório para escovação e higiene das crianças visando às refeições e repouso.



Foto 10 - Refeitório para realização das refeições das crianças da escola, em média 25 lugares para atender uma turma por vez.



Foto 11 - Crianças da turma EI 31, 3 anos, no início do ano letivo, ainda sem uniforme da prefeitura, conhecendo o espaço da sala de aula, sentados nas mesinhas. (Total de 25 crianças).



Foto 12 - Crianças no espaço externo às salas de aula. Cumprindo a rotina inicial em contato com a natureza do lugar.



Foto 13 - Pátio externo da unidade escolar. A grade preserva os brinquedos no parquinho, já que a comunidade no entorno da escola costuma entrar sem permissão na unidade, e constantes arrombamentos são percebidos pela gestão.



Foto 14 - Área Externa.



Foto 15 - Área externa com gramado e árvores para as crianças brincarem, sempre sob o cuidado dos educadores.



Foto 16 - Área externa com gramado e árvores para as crianças brincarem, sempre sob o cuidado dos educadores.



Foto 17 - As crianças brincando de roda em volta da árvore na unidade escolar (Turma EI 31 – 3 anos).



Foto 18 - A sala de aula se transforma a sala do repouso. Sem outro lugar para repousar os colchonetes são colocados pelos funcionários da U.E (serventes terceirizados) para que haja adaptação do espaço.



Foto 19 – Parquinho para Recreação das Crianças, de todas as turmas.



Foto 20 – Parquinho para Recreação das Crianças, de todas as turmas.

Anexo B: Exemplo de Planejamento de Turma

Espaço de Desenvolvimento Infantil (06.22.028) Prof^a Miltolina da Silva - Planejamento Semanal: 24 a 28 de junho
 Tema Gerador: História do Chapeuzinho Vermelho Turma: EI 30 Manhã: Prof^a ANDREIA MALTA DOS SANTOS Auxiliar:
 Joselma - Tarde: Prof^a CHERON JOICE Auxiliar: JANETE

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum
Atividade curta (concentração) Conversa inicial e contação da história da chapeuzinho vermelho. Quem são os personagens da história? De quem você mais gostou?	Atividade curta (concentração) Conversa inicial. Como será a casa da vovó da chapeuzinho? Ela mora na floresta? Como é a floresta? Escrita da letra C casa da vovó. Pintar a casa da vovó (dobradura) e colar pedaços de papel colorido.	Atividade curta (concentração) Conversa inicial sobre o passeio ao mercado. O que podemos comprar no mercado. Levamos dinheiro? Apresentar dinheiro fantasia para as crianças e simular brincadeira de venda com frutas e verduras na feirinha fantasia da sala de aula.	Atividade curta (concentração) Conversa inicial sobre o passeio à feira. O que encontramos na feira? O que podemos comprar? Compramos com que? Dinheiro?	Atividade curta (concentração) Conversa inicial. Conversaremos também sobre a importância de comer alimentos saudáveis. Lembrando das frutas, e outros alimentos vistos na feira e no passeio do mercado.
Atividade Desenhar personagens que mais gostou na folha distribuída na sala de aula. Escrita com cola colorida da letra inicial dos personagens.	Atividade Quais as diferenças da floresta e do local onde moramos. Mostrar para as criança imagens da cidade e de florestas. Elas deverão colar no caderno imagens do local onde mora (cidade, o que tem na cidade?).	Atividade Visita ao mercado	Atividade Visita à feira livre	Atividade Piquenique divertido na sala de aula, cada criança trará um item para compor o lanche. Com toalha quadriculada, todos sentados ao redor do lanche arrumado, a educadora servirá a todos e todos degustarão os alimentos.
Higiene / Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene
Atividade MINGAU PARA O LOBO MAU Receita com lista de ingredientes (Blocão) e preparo do mingau.	Atividade O QUE HÁ NA CESTA DA CHAPEUZINHO VERMELHO? Lista com a Classificação: Alimentos saudáveis e não saudáveis - Blocão.	Atividade DRAMATIZAÇÃO "Chapeuzinho Vermelho na área externa" - Parquinho	Atividade Degustação de frutas (cesta da Chapeuzinho) Eleição da fruta preferida (maçã, banana, laranja ou mamão?)	Atividade O QUE VI NO PASSEIO À FEIRA? Conversa e registro sobre o que os alunos viram e acharam interessante na feira.
Lanche/Saída	Lanche/Saída	Lanche/Saída	Lanche/Saída	Lanche/Saída
*				

*O último espaço destina-se à colocação do nome dos alunos que serão observados no dia

Espaço de Desenvolvimento Infantil (06.22.028) Prof^a Miltolina da Silva - Planejamento Semanal: 07 a 11 de outubro

Tema Gerador: João e Maria na Semana da Criança do EDI Miltolina Turma: EI 20/Profª Elizabete Elisa

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum
<p>Atividade curta (concentração)</p> <p>Conversa inicial e contação da história de João e Maria</p> <p>Listando os personagens da história.</p>	<p>Atividade curta (concentração)</p> <p>Resgate da histórias e conversa sobre o que aconteceu com as crianças na história.</p> <p>Conversa sobre os direitos das crianças.</p>	<p>Atividade curta (concentração)</p> <p>Toda criança tem direito ao lazer.</p> <p>João e Maria vão ao cinema.</p> <p>Escrita do nome do filme e dos principais personagens.</p>	<p>Atividade curta (concentração)</p> <p>João e Maria nos ensinam a competir.</p> <p>Dia da gincana</p>	<p>Atividade curta (concentração)</p> <p>Festa do Dia das Crianças.</p> <p>Atividades diversificadas nos espaços da escola, onde cada aluno tem liberdade de circular e participar a seu gosto.</p>
<p>Atividade</p> <p>Confecção dos personagens João e Maria. Definição dos gêneros masculino e feminino.</p> <p>Recontando a história fazendo uso dos personagens produzidos pela turma.</p>	<p>Atividade</p> <p>Produção de cartaz coletivo sobre os direitos das crianças</p>	<p>Atividade</p> <p>Cinema com pipoca</p>	<p>Atividade</p> <p>As crianças se dividirão em grupos formados por alunos de todas as turmas e participaram de competição dirigida pelo professor de educação física.</p>	<p>Atividade</p> <p>Cantinhos a escolher: Pintura, recorte e colagem, desenho, arte com sucata, pula-pula, escorregador, parquinho, vídeo, pista de dança.</p>
Higiene / Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene
<p>Atividade</p> <p>Desenho com cola colorida.</p> <p>João, Maria e eu...</p>	<p>Atividade</p> <p>Toda criança é especial!</p> <p>Desfile de moda e dia do brinquedo.</p> <p>As crianças não virão uniformizadas e poderão trazer um brinquedo para mostrar e partilhar com o grupo.</p>	<p>Atividade</p> <p>Atividade de escrita e expressão artística: desenho da parte preferida do filme</p>	<p>Atividade</p> <p>Registro do placar da competição e do grupo campeão.</p> <p>Enfatizando que todos são campeões e que o importante é competir.</p>	<p>Atividade</p> <p>Parabéns com bolo e lanchinhos para comemorar o Dia das crianças</p>
Saída	Saída	Saída	Saída	Saída
*				

*O último espaço destina-se à colocação do nome dos alunos que serão observados no dia

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum	Entrada / Acolhimento / arrumar roupas / Rotina / Desjejum
Atividade curta (concentração) Relembrando a história "Os três porquinhos" e a música dos dias da semana. Trabalhar o número sete, relacionando à quantidade. Recontar a história e dividi-la nos dias da semana.	Atividade Montar gráfico indicando o dia da semana feito por cada criança. Quantos alunos estão hoje? Quantos escolheram a segunda-feira? E os outros dias da semana? Qual o dia da semana mais escolhido?	Atividade curta (concentração) Escrita e desenho da segunda página da história (Na segunda-feira o porquinho caçula fez sua casa com palha) e colagem da foto com o sinal que indica a segunda-feira.	Atividade curta (concentração) Educação Física	Atividade curta (concentração) Escrita e desenho da sexta página da história (Na sexta-feira o porquinho mais velho fez sua casa de tijolos) e colagem da foto com o sinal que indica o sexta-feira.
Atividade Quem já sabe os dias da semana em libras? Tirar foto das crianças fazendo os sinais.	Atividade Confecção do livro da turma: "Os três porquinhos e os dias da semana". Aprendendo libras Dobradura dos três porquinhos para a capa do livro.	Atividade . Escrita e desenho da terceira página da história (Na terça-feira o lobo derrubou a casa de palha) e colagem da foto com o sinal que indica a terça-feira.	Atividade Escrita e desenho da quarta página da história (Na quarta-feira o porquinho do meio fez sua casa de madeira) e colagem da foto com o sinal que indica a quarta-feira.	Atividade Escrita e desenho da sétima e última parte da história (No sábado o lobo não conseguiu derrubar a casa de tijolos e foi triste para a floresta) e colagem da foto com o sinal que indica a sábado.
Higiene / Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene	Higiene/Repouso / Banho / Janta / Higiene
Atividade Atividade do caderno pré-escola II página 34 Atividade do caderno pré-escola I página 30	Atividade Escrita e desenho da primeira página da história (No domingo os três porquinhos resolveram morar sozinhos) e colagem da foto com o sinal que indica o domingo	Atividade Atividade do caderno pré-escola II página 35 Atividade do caderno pré-escola I página 31	Atividade Escrita e desenho da quinta página da história (Na quinta-feira o lobo derrubou a casa de madeira) e colagem da foto com o sinal que indica a quinta-feira.	Atividade Conotação da história e visita às outras salas para mostrar o livro e convidar a todos para aprenderem os dias da semana em libras.
Saída	Saída	Saída	Saída	Saída
*				

*O último espaço destina-se à colocação do nome dos alunos que serão observados no dia

**Anexo 3: Exemplo de Projetos Desenvolvidos - Turma EI 30 - 3 anos
(projetos sugeridos pelo PPA 2013)**

PROJETO BIMESTRAL

E/SUBE/CRE (06.22.028) ESCOLA MUNICIPAL PROF^a MILTOLINA DA SILVA

P.P.A - FATOS E FOTOS NA CONSTRUÇÃO DE VALORES

Brincando, Descobrimo, Registrando e Construindo

Apresentando: Brincando e Registrando nós construímos valores para melhorar a nossa convivência

2012

3º BIMESTRE

Apresentando

Nossas experiências no EDI, todos os dias, revelam-nos valores. Estes se sobrepujam os conteúdos formais propostos pelos documentos oficiais que regem a educação na SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

“Brincando e Registrando”⁷ é uma proposta que foge do emparedamento das atividades na sala de aula. É uma lógica dinâmica do registro e do brincar utilizando os conteúdos formais da rede em viés lúdico. Brincar e registrar no espaço escolar, planejando, avaliando e oferecendo às crianças valores que corroboram para sua formação social, cognitiva e afetiva.

Aliada a essa proposta todo planejamento semanal será pautado nos conteúdos selecionados pelo grupamento docente na elaboração do planejamento anual desta Unidade escolar. (vide anexo).

Nosso planejamento está pautado nos conteúdos extraídos das orientações curriculares da SME do RJ para educação Infantil. Estes são retirados e pensados nas habilidades dos educandos, pensado também nas particularidades e funcionalidade dos conteúdos, currículo e cotidiano da classe.

⁷Tema gerador utilizado como projeto bimestral para todas as turmas no EDI., permitindo portanto que cada turma, docente adapta-se as atividades às necessidades educacionais de cada grupo.

Vamos pensar nos conteúdos propostos e selecionados pelo EDI como ponto de partida para o trabalho nesse bimestre. Todo segmento do processo de aprendizagem seguirá com as experiências e atividades planejadas nesse projeto.

Os objetivos traçados para os meses de agosto, setembro e outubro (terceiro bimestre) sugerirão as datas comemorativas que valorizamos assim como folclore, a primavera, o dia das crianças; não apenas como datas isoladas no calendário escolar, mas sim como temas geradores que cruzam com o processo de aprendizagem dos alunos na sua jornada escola e sua vivência cotidiana seja na escola seja em sua comunidade.

Brincar e registrar é também uma proposta onde o imaginário infantil e os medos na infância vão ilustrar nossas atividades e dar um sentido aos conteúdos que retiramos das orientações curriculares da secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro.

Brincar com o bicho papão, por exemplo, é ressignificar nossos medos, é dar prioridades ao imaginário infantil e entender que o cotidiano, o folclórico, o popular está aliado na rotina da educação infantil. O sincretismo do formal e o informal, do pedagógico e do conhecimento popular, da escola e da realidade fora dela.

Os valores adquiridos nesse projeto (planejamento) refletem o trabalho construído desde o primeiro bimestre.

E/SUBE/CRE (06.22.028) ESPAÇO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
PROFª MILTOLINA DA SILVA

“Brincando, descobrindo, registrando e construindo”

EI 30 – PROFESSORA: ANDREIA MALTA DOS SANTOS

JUSTIFICATIVA
<p>As brincadeiras e jogos são o ponto de partida para o trabalho com nossas crianças. Nossos valores são construídos conforme as crianças desenvolvem suas expressões pelas diversas linguagens nos registros, ampliando sua imaginação e percepção sobre si e sobre o outro.</p> <p>O pano de fundo para aprendizagem nesse bimestre é selecionar histórias que remetem aos medos da infância, onde recriamos o imaginário e interpretamos a realidade. Por meio dessa idéia sugerimos nosso planejamento, pautado e não engessado pela rotina, fazendo a brincadeira parte do processo educativo, passando pela dimensão da linguagem oral, escrita, artística, do corpo, fazendo parte de nossas atividades diárias.</p>
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none">➤ Criar oportunidades de registro em desenho e escrita;➤ Promover situações de contagens (brincadeiras);➤ Oportunizar a vivência de trabalhos de arte;➤ Desenvolver o gosto, o cuidado e o respeito.
TEMAS GERADORES
<ul style="list-style-type: none">➤ Valorização da paternidade➤ Valorização de culturas folclóricas;➤ Os meios de comunicação;➤ Semana da primavera;➤ Dia da árvore;➤ Histórias infantis selecionadas que remetem aos medos da infância: bicho papão, boi da cara preta, saci, curupira, mula sem cabeça...
RECURSOS
<ul style="list-style-type: none">● REVISTAS● LIVROS● TV● DVD● LÁPIS DE COR● GIZ DE CERA● CANETAS GROSSAS (PILOT)

- GUACHE
- PAPÉIS VARIADOS
- E MÍDIAS VARIADAS

AÇÕES

- Lembrar sempre do nosso assunto em pauta mesmo na refeição inicial (desjejum), conversando com as crianças;
- Atividades organizadas e dirigidas nas mesinhas na sala de aula variando brinquedos, com livro de pano e blocos coloridos para montar;
- Registros escritos ou desenho (pintura explorando assunto em questão).
- Brincadeiras no parquinho e área externa explorando o ambiente sobre as cores da natureza e o que há em volta;
- Atividades que explorem a criatividade, pintura, massinha, argila, colagem;
- Seleção prévia de leituras (auxílio da sala de leitura) para trabalhar os temas e conteúdos explorados nesse projeto.

AVALIAÇÃO

Observar diariamente todas as reações e ações dos educando diante das situações de aprendizagem criadas de maneira sistemática para oportunizar a aprendizagem. Avaliar suas habilidades e proporcionar situações onde suas limitações sejam vistas de forma afetiva, compreendendo a particularidade de cada criança e dando a mesma oportunidade de criar, registrar e aprender.

A avaliação será feita em forma de relatórios bimestrais para conhecimento da escola e responsáveis.

Anexo 4: PPA (Projeto Político Anual do EDI 2013)